

SILÊNCIO E EXÍLIO EM *A MAÇÃ NO ESCURO*, DE CLARICE LISPECTOR

SILENCE AND EXILE IN *A MAÇÃ NO ESCURO*, BY CLARICE LISPECTOR

William Fernandes de Oliveira*

UEPG

Keli Cristina Pacheco**

UEPG

Resumo: Neste texto, objetivamos, a partir da leitura do romance *A maçã no escuro* (1970), de Clarice Lispector, abordar temas como testemunho e exílio, refletindo sobre essas caracterizações a partir do crime da personagem principal, Martim – tentativa de assassinato de sua esposa – e sua consequente fuga (assim, por ser um fugitivo, Martim tenta esconder seu passado, embora não sinta culpa por seu ato). Desse modo, analisamos sua condição quase amoral e sua recusa de falar/testemunhar sobre sua experiência, assim como também refletimos sobre seu novo mundo (na fuga, encontra uma fazenda, em que se abriga) não como reapropriação, mas como recusa e potência da negação. A partir dessa experiência, pensamos que seja possível apontar um espaço em exílio, que surge a partir do silêncio e perda da linguagem. Para tanto, neste trabalho, apoiamos-nos, principalmente, nos autores Giorgio Agamben (2008), Jean-Luc Nancy (1996) e Maurice Blanchot (2003).

Palavras-chave: Testemunho. Exílio. *A maçã no escuro*. Clarice Lispector.

Abstract: The aim of this text is to study Clarice Lispector's novel *A maçã no escuro* (1970), addressing themes such as testimony and exile, thinking on these characterizations considering the crime committed by the main character, Martim – he attempted to murder his wife – and his consequent escape (thus, for being a fugitive, Martim tries to hide his past, although he does not feel guilty for his act). In this way, we intend to analyze his almost amoral condition and his refusal to speak/testify about his experience; as well as to think about his new world (on his way to scape, he finds shelter in a farm) not as reappropriation, but as refusal and power of denying. From this experience, we think it is possible to delimit a space of exile, which is shown through silence and loss of language. To do so, in this work, we rely mainly on the authors Giorgio Agamben (2008), Jean-Luc Nancy (1996) and Maurice Blanchot (2003).

Keywords: Testimony. Exile. *A maçã no escuro*. Clarice Lispector.

* Professor no Programa Paraná Fala Inglês da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Mestre em Estudos da Linguagem pela mesma instituição. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3979-1359>. E-mail: <williamf.o@outlook.com>.

** Professora de Teoria literária e Literaturas de língua portuguesa do Departamento de Estudos da Linguagem e da Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Autora de *A comunidade em exílio: literatura comparada entre Lima Barreto e Roberto Arlt*, publicado pela editora Annablume, em 2013, e organizadora, em parceria com André Cechinel, do livro *A comunidade errante: ensaios de literatura e exílio*, publicado por Texto e Contexto, em 2020. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9398-9505>. E-mail: <kcpacheco@uepg.br>.

A MAÇÃ NO ESCURO, MARTIM

A maçã no escuro (1961), romance da ucraniana-brasileira Clarice Lispector (1920-1977), apresenta como personagem principal Martim, homem que foge da cidade em que morava por ter tentado assassinar sua esposa – ao final do romance descobre-se que ela havia sido salva. Não há muitos acontecimentos na narrativa, e somos guiados, por meio do narrador, pelos pensamentos e pelas reflexões de Martim. Segundo defende Ailton Siqueira de Souza Fonseca (2007), esse romance foi escrito quase que arqueologicamente e é considerado por tal autor como um romance central na literatura de Lispector, posto que tende a retomar diversas facetas de sua escrita, passando pela incompletude do homem moderno e o drama com a linguagem.

Pode-se entender, então, que é a fuga que desencadeia a narrativa: em seu percurso, que por vários momentos não parece ter objetivo a não ser “apenas seguir em frente”, Martim se depara com um hotel abandonado e, assim, se inicia seu medo, que, nesse momento, se transfigura na figura do “alemão”, homem que Martim considerava que poderia denunciá-lo. Após o hotel, Martim encontra uma fazenda, comandada por Vitória, e lá se abriga e arranja trabalho. Também em razão de seu crime, ele se cala, praticamente em uma recusa a falar, o que passa fortemente a impressão de que há algo que falta, e é isso que nos move neste texto.

Dado esse panorama apresentado, objetivamos aqui refletir sobre a caracterização da testemunha, conceituada a partir do filósofo italiano Giorgio Agamben (2008). Também aqui nos interessam temas como exílio (que pensaremos principalmente a partir da noção de exílio como existência, de Jean-Luc Nancy (1996)) e reflexões sobre literatura/linguagem literária – nisso, apoiamo-nos em Maurice Blanchot (2003) a partir de sua obra *O espaço literário*.

A TESTEMUNHA

Giorgio Agamben (2008), em “A testemunha”, presente no livro *O que resta de Auschwitz?*, escreve sobre sobreviventes de campos de concentração que sobreviveram e lutaram para relatar suas experiências, ou seja, testemunhar sobre tal barbárie. Nisso, o filósofo italiano vê em Primo Levi um exemplo perfeito de testemunha. Sobrevivente de Auschwitz, Levi, que viveu entre 1919 e 1987, foi um químico e escritor italiano. Em *É isso um homem?* (LEVI, 1988), tal escritor retrata a experiência de barbárie no campo de concentração em Auschwitz – ele fora capturado pelos nazistas e feito prisioneiro nesse campo de concentração. Sua obra constitui importante testemunho sobre os horrores cometidos pelo nazismo. Nesse sentido, ele toma como missão não deixar a memória morrer; para ele, o silêncio, calar-se sobre o nazismo e suas consequências, seria, de certa forma, conceder uma absolvição, o esquecimento.

Levi não é nem pode ser um juiz, continua Agamben: segundo tal filósofo, pode-se depreender, derivadas do latim, duas figuras de testemunhas: *testis*, que seria a terceira pessoa em determinado acontecimento/processo que contivesse dois participantes; e *superstes*, aquele que viveu determinada experiência e que, portanto, pode dar seu testemunho. Nesse caso, Primo Levi pode ser considerado um *superstes*, daí a sua impossibilidade em ser considerado um juiz: interessa a ele não o julgamento, mas o estabelecimento da verdade. Nesse ponto, Agamben declara que o julgamento não estabelece a justiça, mas a punição – a exemplificação literária disso poderia ser encontrada em *O processo*, de Franz Kafka (2009), em que um homem,

Josef K., é julgado sem razão alguma, e tenta compreender o que teria feito para ocasionar o processo. Daí que:

Se a essência da lei – de toda lei – é o processo, se todo direito (e a moral que está contaminada por ele) é unicamente direito (e moral) processual, então execução e transgressão, inocência e culpabilidade, obediência e desobediência se confundem e perdem importância. [...] A finalidade última da norma consiste em produzir um julgamento; este, porém, não tem em vista punir nem premiar, nem fazer justiça nem estabelecer a verdade. (AGAMBEN, 2008, p. 28).

Por isso, como escreve o filósofo italiano, seja comum existir uma confusão entre categorias éticas e jurídicas; e daí, também, a tendência em se acreditar que o julgamento é o encerramento, o acerto de contas, a punição e a justiça. Por exemplo, basta que se vejam os julgamentos das autoridades nazistas nos Processos de Nuremberg que, continua Agamben, passaram a falsa impressão de que o assunto estava encerrado e que não havia mais nada a ser feito, quando a dor e o sofrimento ainda espreitavam aqueles que foram forçados a vivê-la.

É nesse sentido que Giorgio Agamben defende que seja necessário falar sobre, escrever sobre, não sacralizar, refletir sobre o que se considera indizível. Daí a importância de testemunhas como Primo Levi, que, se não podem trazer justiça, podem fazer com que as vítimas no nazismo não sejam esquecidas. Isso é algo que pode remeter a um inverso da testemunha, que seria perceber, também, a ausência de todo testemunho, posto que só aqueles que sobreviveram têm a possibilidade de relatar sua experiência, ou seja, falam em nome daqueles que perderam a vida ou a esperança de um dia escapar de tal terror.

A testemunha comumente testemunha a favor da verdade e da justiça, e delas a sua palavra extrai consistência e plenitude. Nesse caso, porém, o testemunho vale essencialmente por aquilo que nele falta; contém, no seu centro, algo intestemunhável, que destitui a autoridade dos sobreviventes. As “verdadeiras” testemunhas, “as testemunhas integrais” são as que não testemunharam, nem teriam podido fazê-lo. São os que “tocaram o fundo”, os muçulmanos, os submersos. Os sobreviventes, como pseudotestemunhas, falam em seu lugar, por delegação: testemunham sobre um testemunho que falta. (AGAMBEN, 2008, p. 43).

Podemos então considerar que seja a percepção dessa ausência, desse “algo que jamais poderá ser dito integralmente”, que torna o testemunho ainda mais válido e necessário: nesse caso, torna-se necessário falar sobre aqueles que não puderam falar. Precisamente “falar sobre” e não “por aqueles”; essa lacuna talvez seja impossível de alcançar em sua completude, como podemos ver a partir de Giorgio Agamben (2008).

Então, em certo sentido, pode-se refletir que existam, na literatura, textos ou tipos de texto que contêm um caráter testemunhal; e que a literatura tem a capacidade de trazer consigo esse espaço que possibilita falar sobre, escrever sobre. Mesmo que “isso” esteja ausente, mesmo que isso seja incomunicável, mesmo que “falar sobre” seja assumir a ausência de todo verdadeiro testemunho, aquele que foi perdido ou silenciado.

Por isso, pode-se acreditar que exista uma possibilidade na literatura, e ela pode, também, comportar o que está ausente, qualquer que seja a razão. Esse é o espaço literário que

vislumbramos, que, para Maurice Blanchot (2003), também pode ser o lugar do autor. Espaço que possibilitaria tocar e iluminar o indizível a partir da linguagem literária, como uma fala errante que em si também pode apresentar o indizível.

Nisso, Blanchot considera que a obra é continuamente aberta e que sempre se reinscreve; do mesmo modo, assume o caráter de negação da linguagem literária: a fala errante, que não está disponível, não é poder, não é interpelativa, não é a linguagem cotidiana. E que, necessariamente, ao negar, afirma, pois comporta, nessa negação, o silêncio, a ausência. Passa a ser, então, a fala que parte de um incômodo produtivo, linguagem que não é o que se ouve: assim, a literatura, a obra, segundo Blanchot (2003), se inscreve numa manifestação interminável; e, da mesma maneira, aí fica apresentado o autor, que assim o é apenas quando em contato com sua obra, nos ecos dessa fala errante: “[...] o próprio da fala habitual é que ouvi-la faz parte da sua natureza. Mas, nesse ponto do espaço literário, a linguagem é sem se ouvir. Daí o risco da função poética” (BLANCHOT, 2003, p. 47).

E, neste texto, é para a fala errante de *A maçã no escuro* que nos dirigimos. E, principalmente, são as consequências éticas e jurídicas do não-testemunho de Martim (a partir de seu crime) que focalizamos.

A FUGA, O SILÊNCIO

Como dito anteriormente, a linha narrativa de *A maçã no escuro* se desenvolve a partir do crime de Martim, que tenta assassinar sua esposa¹. No caminho da fuga, que consiste em andar adiante sem olhar para trás, é possível ver o início do nascimento de um novo homem, que não se importaria com a condenação moral, mas faria o que estivesse ao seu domínio para que o mundo jurídico, o das leis e dos processos, não o alcançasse. Assim, nesse caminho, os devaneios engendrados na mente de Martim o possuem, e ele passa a temer a figura do alemão, homem com o qual se depara em um hotel abandonado, algo que faz com que ele se ponha a andar novamente:

Aquele homem andou léguas deixando o casarão cada vez mais para trás. Procurou andar em linha reta e às vezes se imobilizava um segundo agarrando com cautela o ar. Como andava nas trevas não poderia sequer adivinhar em que direção deixara o hotel. O que o guiava no escuro era apenas a própria intenção de andar em linha reta. O homem bem poderia ser um negro, tão pouco lhe servia a claridade da própria pele, e ele só sabia quem era pela sensação em si próprio dos movimentos que ele próprio fazia. (LISPECTOR, 1970, p. 15).

A fuga, o medo e o novo nascimento produzem em Martim silêncio, que se reflete também no romance: a narrativa está repleta desses espaços, faz disso sua potência, de modo que

¹ Benjamin Moser (2009), pesquisador de Clarice Lispector e autor da biografia *Why this world?* (traduzida para *Clarice*), interpreta que Martim tem uma redenção através do pecado, ou seja, Martim tenta alcançar a liberdade a partir de seu crime – e a liberdade consistia, em partes, em desaprender e reaprender a ser homem, sendo o seu ato criminoso o motor para sua salvação. Podemos declarar que há excertos que confirmam essa leitura, embora Moser tenda a se dirigir, às vezes, a uma aproximação perigosa entre uma Clarice judia e a tentativa de salvação. Podemos citar, por outro lado, a leitura de Simone Curi (2001) sobre o romance, em que a autora defende a ideia de que o romance é pautado pelo movimento – tanto assim que Curi pauta a escritura de Lispector como nômade; podemos enxergar isso em *A maçã no escuro* como escritura de potência que privilegia a significação, tendo efeito direto na narrativa e personagens – para mais detalhes, verificar a obra de Curi, *A escritura nômade em Clarice Lispector*.

o narrador, defendemos, por mais que perto das personagens, jamais as alcança totalmente. Considerado isso, essas lacunas surgem necessariamente em razão da recusa de Martim em falar.

Nesse sentido, o romance parece se basear nessa não-fala, desenvolve-se a partir do silêncio, transformando essa recusa em movimento. Isso tanto no sentido da linguagem, que tateia os segredos sem desvendá-los integralmente, quanto para Martim, que está a praticamente todo instante em estado de alerta, esperando novamente um momento que será necessário fugir. Portanto, ponderamos que a ausência se torna tão presente quanto o corpo de Martim se movendo (muitas vezes no escuro), desbravando um mundo que agora se apresenta como novo:

Chegar um dia ao mar era, porém, algo de que ele agora só usava a parte de sonho. Não pensava um instante sequer em agir de modo a que a visão feliz se tornasse uma realidade. Nem mesmo se soubesse que passos o levariam ao mar, ele agora os daria – tanto fora aos poucos se descartando com sabedoria instintiva de tudo o que pudesse mantê-lo entrando por um futuro, pois futuro é faca de dois gumes, e futuro molda o presente. Com o correr dos dias também outras ideias tinham ficado gradualmente para trás como se, à medida em que o tempo não definindo o perigo o tornasse maior, o homem fosse se despojando do que pesa. E sobretudo do que ainda pudesse mantê-lo preso ao mundo anterior. (LISPECTOR, 1970, p. 20-21).

Entretanto, não podemos esquecer as questões éticas, morais e jurídicas que envolvem a narrativa. Martim é um criminoso em fuga, e não necessariamente teme a aproximação de outras pessoas porque elas possam condená-lo moralmente, mas porque elas podem chamar a polícia. Dessa maneira, é possível retornarmos ao texto de Giorgio Agamben (2008), “A testemunha”. O autor escreve que, durante julgamento, em Jerusalém, de Adolf Eichmann, uma das maiores autoridades nazistas, sua linha de defesa consistiu em se declarar culpado perante Deus, não frente à lei; igualmente, também um grupo de pessoas de extrema direita confessou ter assassinado um comissário de polícia, mas negava a responsabilidade de ordem penal. Desse modo, continua Agamben (2008, p. 33), “[...] o fato de assumir uma responsabilidade moral só tem algum valor no caso em que se está disposto a sofrer suas consequências jurídicas”.

De forma similar, comportava-se Martim: o que ele temia, repetimos, era a consequência jurídica, não o peso moral (permanecer longe seria o único modo de escapar do que era pré-estabelecido, o passado, e assim continuar a construção de seu novo sujeito). Além do mais, seu crime soa também como uma libertação moral. Assim, de modo a se afastar, ele se cala, e resta ao narrador percorrer as lacunas deixadas por ele. Mesmo com Vitória e Ermelinda, mulheres da fazenda em que se abriga, ele pouco fala, e temia que Vitória desconfiasse de algo e o denunciasse. Logo, ponderamos que Martim se confundia com a escuridão para que desse modo não fosse possível enxergá-lo; e nesse tom a narrativa se desenvolve, com Martim conversando mais consigo mesmo do que com outras pessoas:

Agora que emergira até chegar ao ponto de homem na encosta, agora que emergira até entender seu crime e saber o que desejava – ou até ter inventado o que se passara com ele inventado o que desejava? Que importava se a verdade já existia ou se era criada, pois criada mesmo é que valia como ato de homem – agora que ele conseguira se justificar, tinha que prosseguir. E conseguir antes do fim próximo a – a reconstrução do mundo.

Sim. A reconstrução do mundo. É que o homem acabara de perder completamente a vergonha. Não teve sequer pudor de voltar a usar palavras da adolescência; foi obrigado a usá-las pois a última vez que tivera linguagem própria fora na adolescência; adolescência era arriscar tudo – e ele agora estava arriscando tudo (LISPECTOR, 1970, p. 105).

E dessa maneira a narrativa se constrói em lacunas e silêncio, de modo que parece ser impossível resgatar a experiência integral – o crime –, pois Martim nega, embora ele não tenha esquecido; ainda assim, tem-se a presença constante de um corpo no escuro, mesmo um corpo no escuro deixa rastros, os gestos que permanecem em um estado de ausência. Portanto, Martim vigiava e tentava se conectar ao mundo, também uma forma de agenciar e, assim, construir um novo homem:

Havia silêncio e intensidade sob o sol da fazenda. Ninguém saberia como se comunicara aos outros a muda vigilância de Martim, pois ele continuava a trabalhar calmo com o mesmo rosto que nada dizia, e seus olhos tinham a expressão que os olhos têm quando a boca está amordaçada. No entanto parecia ter se estabelecido um prazo depois do qual tudo seria impossível. A comunicação de sua intensidade talvez se fizesse pela pancada mais profunda de seu martelo ou talvez pelo seu andar de botas duras ou pelos seus súbitos desaparecimentos – procuravam-no e não o achavam mas, antes que a inquietação de sua ausência se tornasse maior, ele aparecia tranquilo como se viesse de parte nenhuma. (LISPECTOR, 1970, p. 115).

Por outro lado, posto que afastado da linguagem do antigo mundo que ele habitava, também escrever é a Martim impossível. Mesmo que se esforce, ele não pode dizer, não pode anotar, não pode narrar; assim como não pode acessar a própria experiência, também não encontra palavras, a maneira mesma pela qual sua experiência poderia ser restaurada. Aqui um exemplo de seu estado:

Parecia-lhe que aquilo que lançasse no papel ficaria definitivo, ele não teve o desprazer de rabisar a primeira palavra. Tinha a impressão defensiva de que, mal escrevesse a primeira, e seria tarde demais. Tão desleal era a potência da mais simples palavra sobre o mais vasto dos pensamentos. E desinchado, de óculos, tudo o que lhe parecera pronto a ser dito evaporara-se, agora que queria dizê-lo. Aquilo que enchera com realidade os seus dias reduzia-se a nada diante do ultimato de dizer. Como se via, aquele homem não era um realizador, e como tantos outros, só sentia a intenção, da qual o inferno está repleto. Mas para escrever estava nu como se não lhe tivesse sido permitido levar nada consigo. Nem mesmo a própria experiência. E aquele homem de óculos de repente se sentiu singelamente acanhado diante do papel branco como se sua tarefa não fosse apenas a de anotar o que já existia mas a de criar algo a existir. (LISPECTOR, 1970, p. 131-132).

E desse modo é possível que percebamos a latência do não, do não-testemunho, da impossibilidade de fala; também a impossibilidade de um retorno definitivo, como lacuna intransponível, fala errante que era ausência: algumas vezes durante a narrativa Martim tenta

escrever, e mesmo uma simples frase, como anotar quais ferramentas de trabalho comprar, já parecem exigir mais do que ele possuía. Evidentemente, Martim não era o indivíduo que fora impossibilitado de testemunhar: era muito mais aquele que, por suas escolhas, que levaram a um apagamento, se impossibilitou de tocar a linguagem e, conseqüentemente, a experiência. Por outro lado, isso nos permite, também, traçar um paralelo com Walter Benjamin (1987): Em textos tais quais “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” e “Experiência e pobreza”, presentes no livro *Magia e técnica, arte e política*, Benjamin escreve que as formas de se narrar, de contar um estória, estão em vias de extinção (sendo o romance seu substituto), e isso se deve, em grande parte, à ausência de experiências vividas pelo ser humano. Benjamin reflete sobre isso dando o exemplo do moderno como vidro: nada se fixa ao vidro, tudo passa e o material permanece como se fosse novo, sem aura, sem mistério.

INCOMUNICABILIDADE E EXÍLIO

A condição de Martim, assim como do espaço criado na narrativa a partir da construção da linguagem no romance, permite-nos pensar uma aproximação sobre determinada caracterização de exílio. A isso, mais precisamente, nos referimos à noção de exílio como existência, de Jean-Luc Nancy (1996): coloca-se aí o indivíduo apagado/afastado de sua humanidade e impossibilitado de retornar. Para este homem moderno, irremediavelmente moderno, não há retorno, a constituição de seu ser é esse próprio apagamento, um estar fora sem partida ou chegada:

El hombre moderno es el hombre cuya *humanitas* ya no es identificable, es ese hombre cuya figura se borra o se ha borrado, como decía Foucault, se confunde con su borradura, que no es más que la consecución de la ausencia de respuesta a la pregunta: “¿Qué es el hombre?”, (aunque esa ausencia de respuesta es, como saben, la respuesta de Kant a la pregunta). Se borra así el hombre que ya no puede responder a su propia pregunta – o a la pregunta de lo propio –, el hombre que es en suma exiliado fuera de sí mismo fuera de su humanidad. [...] en la existencia moderna o en este sentido moderno de la existencia, lo que cuenta o lo que más pesa [...] ya no es el segundo momento de la palabra, ya no es la “estancia” o la “instanciación” de la “existencia”, ya no es la posición del ser en acto y ya no es la entelequia en el sentido aristotélico, es decir, la realización del ser en su forma final, sino que lo que cuenta es el primer momento, es decir, el *ex*: el momento de la salida y del fuera [...] y que, para acabar, ya no es un momento, sino la cosa entera.² (NANCY, 1996, p. 35).

Logo, tem-se uma condição de exílio que já não acolhe um caráter dialético, mas o rejeita. Não mais como os filhos de Eva (e aqui Nancy se refere à oração “Salve rainha”, em que os

² “O homem moderno é o homem cuja *humanitas* já não é identificável, é esse homem cuja figura se apaga ou foi apagada, como dizia Foucault, se confunde com seu apagamento, que não é mais que a realização de ausência de resposta para a pergunta: ‘o que é o homem?’ (mesmo essa ausência de resposta é, como sabem, a resposta de Kant para a pergunta). Se apaga assim o homem que já não pode responder a pergunta – ou a pergunta do próprio –, o homem que é em suma exilado fora de si mesmo, fora de sua humanidade. [...] na existência moderna ou no sentido moderno da existência, o que conta ou o que mais pesa. [...] já não é o segundo momento da palavra, já não é “estância” ou ‘instanciación’ da existência, já não é a posição do ser no ato e já não é a entelequia no sentido aristotélico, quer dizer, a realização do ser em sua forma final, mas o que conta é o primeiro momento, quer dizer, o *ex*: o momento de saída e do fora [...] e que, para terminar, já não é um momento, senão a coisa inteira” (NANCY, 1996, p. 35, tradução nossa).

degradados filhos de Eva pedem por salvação); e assim, após rogarem e atravessarem a punição do vale de lágrimas, são recuperados e reconstruídos através do salvador, purificados – estado similar de ser exilado da pátria como punição e então retornar, absolvido de suas faltas.

Para Nancy, portanto, já não importa a punição, mas a destituição do próprio que, ao existir, já vivencia esse exílio, que transpassa o corpo, a linguagem e o ser-com: o corpo como exterioridade, projeção que interage com outros corpos, exposto, colocado fora; linguagem incapaz de alcançar todos os sentidos, falha, impossibilitada de expressar tudo, vivenciar tudo (similaridade com o caráter de ausência do/a testemunho/a, que não pode contar tudo, não pode experimentar tudo, e, no entanto, está impossibilitado de ignorar essa ausência, essa falha); exílio também na relação com os outros, ser-com, que perpassa o corpo e a linguagem. Nesse sentido, também Edward Said reflete sobre o exílio na modernidade e o considera como um estado de ser em descontinuidade. Em “Reflexões sobre o exílio”, presente em *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, Said (2003) pensa o exílio como um rompimento incurável de um indivíduo. Said, além do mais, aborda a literatura como uma possibilidade de alcançar dignidade a partir do negativo da experiência, alcançando, assim, algo que suplante a descontinuidade, mesmo que ela não possa ser superada.

Com isso, é possível perceber, nessa relação, uma distância; como se alguém dissesse: - Não posso jamais viver tua experiência, do mesmo modo que não posso jamais viver minha experiência; teu olhar é único e expresso através de um corpo que é uma projeção, exteriorizada. Não posso ser você nem entendê-lo verdadeiramente, e é isso o nosso ser em comum, essa nossa comunidade. Então, se a qualidade da existência jaz justamente nisso que falta, nesse “estar fora”, desapropriação irretornável, o próprio da existência passa a ser o exílio, nessa concepção; exílio mesmo como abrigo:

Si lo propio es exilio, su dimensión de propiedad podría denominarse quizá “asilo”. [...] Sin embargo, el asilo es el exilio como propio: el asilo de la hospitalidad, por ejemplo, del que hablaba Cacciari. El asilo es el lugar de quien no puede ser atrapado (es el sentido del griego ásylos: aquel que no puede convertirse en presa, en botín). Pensar el exilio como asilo [...] es justamente pensar el exilio como constituyendo por sí mismo la propiedad de lo propio: en su exilio, está al abrigo, no puede ser expropiado de su exilio.³ (NANCY, 1996, p. 37).

Do mesmo modo, Martim não pode retornar, e o seu crime gera também outros retornos impossíveis. Mesmo que ele fosse um novo homem vivendo em um novo mundo em seu primeiro domingo, retornar ao passado seria justamente se entregar a um mundo pré-estabelecido, e este caminho ele não queria traçar jamais. Assim, escondia-se também em si como forma de proteger seu segredo, e era esta a qualidade do próprio que nem mesmo um julgamento poderia apartar (espécie de estranhamento de ter a si mesmo como esconderijo mesmo que querendo deixar isso para trás).

³“Se o próprio é exílio, sua dimensão de propriedade poderia denominar-se, talvez, ‘asilo’. [...] Porém, o asilo é o exílio como próprio: o asilo da hospitalidade, por exemplo, de que falava Cacciari. O asilo é o lugar de quem não pode ser preso (é o sentido do grego ásylos: aquele que não pode se converter em presa, em pilhagem). Pensar o exílio como asilo [...] é justamente pensar o exílio como constituindo por si mesmo a propriedade do próprio: em seu exílio, está o abrigo, não pode ser expropriado de seu abrigo” (NANCY, 1996, p. 37, tradução nossa).

Nisso, então, se intensifica o não-falar (mesmo quando outras pessoas tentam conversar com ele, por exemplo Vitória ou Ermelinda, ele pouco fala, reiteramos). Também não criar provas contra si mesmo, negação e afastamento da experiência: era um novo homem aprendendo a andar, e a ele a linguagem seria impossível, assim como já não era mais possível tocá-lo, mas somente vê-lo a distância, o que causava desconfiança sobre o passado e, em Martim, medo, alerta. E assim seria sempre preciso seguir em frente e não olhar para trás – Martim parecia ser um homem de futuro, e o passado, algo a ser fechado, mesmo que tarefa difícil – sua liberdade era suplantada em desconfiança e escuridão:

O homem estremeceu com medo de tocar errado em si, ele que ainda estava todo ferido.

Mas porque profundamente sabia que até a farsa usaria contanto que conseguisse sair inteiro de seu próprio julgamento – de tal modo, se não se absolvesse, ficaria perplexo com um crime nas mãos [...].

E mais: como só se permitiria vencer, pois no ponto em que estava precisava ferozmente de si mesmo, já de antemão se disse o seguinte: depois do julgamento necessário é que ele teria à frente a sua grande tarefa. Pois ali ele deveria se lembrar do que um homem quer.

Bem que lhe ocorreu que estava invertendo o que acontecera. Que não cometera um crime para se dar a oportunidade de saber o que um homem quer – essa oportunidade nascera casualmente com o crime. Mas procurou ignorar o incômodo sentimento de mistificação: ele precisava desse erro para ir adiante, e usou-o como instrumento. (LISPECTOR, 1970, p. 100).

Parecia-lhe, no entanto, que seria impossível fugir eternamente do mundo de leis e processos. Talvez o antigo mundo, que Martim tentava evitar, um dia o alcançaria. E de fato o alcança, mais precisamente ao final da narrativa, quando Vitória o denuncia a um professor que faz uma visita à fazenda (era uma figura bastante autoritária que parecia sempre versar sobre a verdade, e que impressiona com facilidade Vitória e Ermelinda, que o exaltam como homem culto e correto). Mas mesmo a denuncia tem um preço a Vitória, e ela se sente culpada, talvez até mais que Martim, que cometera o crime. Desse modo, para a narrativa, era o fim da vigilância de Martim. Além do mais, ele dá sinais de cansaço – mesmo ali podemos ver a questão do não, a potência, por assim dizer, da negação, que posteriormente se transforma em aceitação:

Por cansaço, então, em visão rápida e balsâmica, ele [Martim] se refugiou nas plantas grossas de seu terreno — que deviam estar agora tranquilamente anoi-tecendo entre as ratazanas. “Vão para o diabo”, disse-se então olhando os homens, nauseado de ser gente. As plantas tranquilas chamavam-no. “Não ser”, esta a vasta noite de um homem. “Mesmo não é sequer com a inteligência que se dorme com uma mulher”, pensou ele desvairando, e tão profundo que não entendeu propriamente o que queria dizer com isso. Pensou com desejo nas plantas do terreno terciário, com saudade das ratas negras. Uma moleza feita de sensualidade tirou-lhe a força de combate, deu-lhe uma nostálgica safadeza, uma melancolia à-toa. Vagamente ainda tentou se apumar e se refazer: “afinal sou brasileiro, que diabo!” Mas não conseguiu. Aquele homem estava saciado, queria refúgio e paz. (LISPECTOR, 1970, p. 246).

Afinal de contas, mesmo preso, Martim conseguira, ao seu modo: tivera a liberdade como experiência, e mesmo que não pudesse falar, pensou, conseguira alguma forma de experiência individual – para ele, a única experiência possível. “Ele quisera estar livre para ir de encontro ao que existia. E que, nem por existir, era mais alcançável [...]. Por mais liberdade que tivesse, ele só poderia criar o que já existia. A grande prisão” (LISPECTOR, 1970, p. 249). Desse modo, o romance parece nos defrontar sempre com uma lacuna existente, ora como negação, ora como impossibilidade – estendendo-se, assim, a uma forma de exílio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, apesar de abordarmos majoritariamente a temática do testemunho para construir a leitura de *A maçã no escuro*, nosso foco, em essência, foi a questão de sua negação e impossibilidade: de falar, de escrever, de experimentar. Martim é um homem que perde a linguagem dos homens, que faz do seu querer a sua desapropriação; a isso – o crime, o desafio à lei – ele chamava liberdade, tanto assim que, na fuga, se renova quase como em um segundo nascimento.

E, muito embora no contato com o mundo que agora lhe é possível, ele se permita algumas reconstituições – retoma a vontade de “ser homem”, a linguagem da adolescência, a memória de experiências boas –, isso jamais constitui um retorno definitivo. Martim parece ser defrontado com uma impossibilidade constante: ora quando tenta fazer o mundo retornar para criá-lo em nova linguagem, ora quando tenta deixar tudo para trás, negando a própria experiência, o próprio passado.

Desse modo, a questão do exílio e do (não) testemunho não nos parece estar desconectada. Muito pelo contrário, pensamos que isso seja um ponto de ligação, que atravessa a linguagem, o corpo e as relações interpessoais. Tanto assim que Martim chega a se questionar se é possível que alguém saiba ou sinta o que outra pessoa vive. E, percebendo isso, Martim novamente parecia fazer da desapropriação a sua liberdade, e do silêncio a sua companhia, mesmo que isso tivesse um preço, o medo, que gerava uma vigilância constante. Afinal, é preciso que relembremos: Martim tentara assassinar sua esposa e a isso chamou de renascimento.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política** – obras escolhidas. v. 1. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLANCHOT, M. **O espaço literário**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

CURI, S. **A escritura nômade em Clarice Lispector**. Chapecó: Argos, 2001.

FONSECA, A. S. de S. **A odisseia de si: a reconstrução do homem em Clarice Lispector**. 2007. Tese (Doutorado em Ciências sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

LEVI, P. **É isto um homem?**. Tradução Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LISPECTOR, C. **A maçã no escuro**. Rio de Janeiro: José Alvaro Editor, 1970.

KAFKA, F. **O processo**. Tradução Torrieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2009.

MOSER, B. **Clarice**. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

NANCY, J. L. La existencia exiliada. **Archipiélago**, [s. l.], n. 26-27, inverno de 1996, p. 34-40.

SAID, E. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução Pedro Maia. São Paulo: Cia das Letras, 2003.